

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).



Apoio



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Nordeste de Portugal)
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalhido
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

3. Didáctica da Arqueologia

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também... O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

4. Arte Rupestre

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbilidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarda Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional
Francisco B. Gomes

7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa): o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro, Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir de um estudo de caso
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termiais de *Mirobriga* (Santiago do Cacém)
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro / Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus (Vila Nova de Gaia)
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na Antiguidade Tardia
Virgílio Lopes

8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio / Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos (Lisboa)
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana de Lisboa (anéis, braceletes e contas)
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha do Alferes, Seixal (século XVI)
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa de Época Moderna
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos humanos recuperados
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica na Rua da Vitória nº 15 a 17
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico
Xurxo Ayán Vila / José M^a. Señorán Martín

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL – UM CIDADÃO ESCLARECIDO É UM CIDADÃO ATIVO!

Ana Paula Almeida¹

RESUMO

O Património é um testemunho que mantém viva a Memória dos povos, contribuindo para o reforço da sua Identidade. O programa de dinamização do Serviço de Património Cultural (SPC) do Município de Esposende integra um conjunto de atividades decorrentes de múltiplos programas de pesquisa arqueológica realizados pelo Serviço e pelos seus parceiros (universidades e centros de investigação). Concebido para diferentes públicos, estimulam a aproximação física e emocional ao Património, nomeadamente através de atividades destinadas à comunidade educativa e ao público em geral. Educar e sensibilizar, de forma pedagógica e divertida para áreas como a Arqueologia, a História, o Património, a Inclusão ou a Cidadania são alguns pressupostos dos projetos da presente comunicação: “Eu Sou Património!” e PASO – Projeto de Arqueologia Sem Obstáculos.

Palavras-chave: Identidade, Inclusão, Património Arqueológico, Educação Patrimonial, Castro e Centro Interpretativo de S. Lourenço, Arqueologia Sem Obstáculos.

ABSTRACT

Heritage is a testimony that keeps our Memory alive, contributing to the reinforcement our Identity. The promoting program of the Cultural Heritage Service of Esposende Municipality integrates a set of activities resulting from multiple archaeological research programs carried out by the Service and its partners (universities and research centers). Designed for different publics, they encourage physical and emotional approximation to Heritage, namely through activities designed for the educational community and the general public. Educating and sensitizing, in a pedagogical and fun way, to areas such as Archeology, History, Heritage, Inclusion or Citizenship are some assumptions of the two projects of this communication: “I am Heritage!” and PASO – (Projeto de Arqueologia Sem Obstáculos – Archeology Project Without Obstacles).

Keywords: Identity, Inclusion, Archaeological Heritage, Heritage Education, Castro and Centro Interpretativo de S. Lourenço, Archeology Without Obstacles.

“O património, hoje, não pertence nem à administração, nem aos políticos, nem sequer aos seus titulares ou mecenas, é da sociedade e das gentes que veem nele a sua identidade.”

Javier Rivera Blanco (2002)

PROJETO “EU SOU PATRIMÓNIO” – 2019/20

Porque afinal, só se protege aquilo que se conhece e um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!

2003 | PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

O Projeto “Eu Sou Património” decorre o Programa de “Educação Patrimonial”, este último concebido em 2003, na sequência de uma reflexão centrada na função do Património na sociedade. Este programa tem como objetivo principal (in)formar, proteger, valorizar e divulgar o património do Município de

1. Município de Esposende; ana.almeida@cm-esposende.pt

Esposende, assegurando a transmissão de uma herança patrimonial.

Todo o trabalho de investigação desenvolvido em torno do Património – resultante da dedicação de diversos investigadores, dezenas de achadores e centenas de voluntários nacionais e estrangeiros – só é válido se for visto como um instrumento fundamental para o conhecimento e compreensão dos vestígios do passado, que merecem o respeito, a preservação e a manutenção por parte dos munícipes.

Assim, a política educativa só pode ter sucesso se se desenvolver a par de uma formação de públicos. A Educação é perspectivada como componente fundamental da política de Educação Patrimonial e, simultaneamente, um potencial motor de salvaguarda do Património. Abraçamos uma missão que se centra no auxílio aos cidadãos em geral, mas particularmente aos munícipes para que estes entendam qual é o seu lugar no mundo e compreendam a sua identidade, contribuindo assim para aumentar o respeito por si próprio e pelos outros.

Na nossa sociedade os objetos têm uma função de comunicação muito importante. Assim, a experiência de animação pedagógica usa o objeto e/ ou o monumento, procurando descobrir as histórias que eles contêm. Serve de meio para lhes inventar linguagens diversas, dando espaço à imaginação criativa inerente a todo o ser humano. Pretende-se que a experiência de aprendizagem proporcionada pelas atividades do Projeto seja um instrumento distinto, mas complementar ao processo desenvolvido ao longo da vida. (Tabela 1)

2011 | CENTRO INTERPRETATIVO DE S. LOURENÇO

O Centro Interpretativo de S. Lourenço (CISL) é um espaço de visitação aberto ao público desde 2011 e que nos últimos 5 anos tem ultrapassado as 11.000 pessoas entre visitantes e participantes em atividades.

O ponto de partida do Centro Interpretativo é o próprio castro, articulado com os restantes elementos de identidade local. Tem como objetivo principal estabelecer a “ponte” entre o estudo arqueológico do atual território de Esposende e sua valorização através da dinamização e divulgação

O CISL promove a exposição e a divulgação seletiva do espólio arqueológico, reconstruindo a História da ocupação do território, através dos dados e dos vestígios arqueológicos. Procura veicular informa-

ções sobre o património do monte de S. Lourenço – natural, cultural, tangível ou intangível – conferindo acessibilidade a toda a comunidade, dispondo de duas áreas expositivas e de serviço educativo.

2019 | PROJETO “EU SOU PATRIMÓNIO”

Em 2019 o Serviço de Património Cultural deu início ao projeto “Eu Sou Património!”, dirigido exclusivamente à comunidade educativa, englobando alunos e professores. Este projeto aborda o “Eu” enquanto património, sendo que as viagens e descobertas realizadas através do Património permitem-nos conhecer e dar a conhecer outras realidades, bem como a diversidade cultural, através dos usos e costumes de outras épocas e locais.

O presente artigo cinge-se à programação concebida para o ano letivo 2019/20², a qual integrou uma oficina de formação para docentes, atividades de exploração do Castro S. Lourenço e das exposições do Centro Interpretativo, bem como propostas de Visitas Orientadas Únicas. O programa também dedicou uma componente à conservação do Património Cultural através de um programa próprio. Todas as atividades foram concebidas em franca articulação com a disciplina de Cidadania, mas principalmente com os programas curriculares das disciplinas de Estudo do Meio, de História e de Química.

Porque o Património é um testemunho que mantém viva a memória dos povos, contribuindo para o reforço da sua identidade.

Assim, decorreu uma oficina de formação para docentes, na qual se pretendeu envolver a comunidade educativa no projeto “Eu sou Património”. No Centro Interpretativo deu-se continuidade à exploração da exposição temporária “Mar de Histórias”. As dinâmicas educativas para esta exposição centraram-se na Época Quinhentista, enquadradas pelas celebrações do V Centenário da Circum-navegação. O programa integrou atividades como “D. Sebastião, o menino que foi rei de Portugal”, “Esposende Quinhentista e Carta Régia D. Sebastião”, a “A viagem de Fernão de Magalhães” ou o “Naufrágio Quinhentista de Belinho”. Contou igualmente com a mais recente exposição permanente do CISL intitulada “IDENTIDADE(S): o Homem e o Território –

2. A programação do ano letivo 2019/20 foi interrompida em meados de março de 2020, em virtude da pandemia causada pela COVID19.

Esposende nas origens da Cultura Castreja” e inaugurada em outubro de 2019. O Castro S. Lourenço também teve lugar de destaque na programação, por exemplo através das atividades “Pão Galaico” e “Ofícios no Castro”. A programação incluiu também um programa de Visitas Orientadas Únicas ao Património Arqueológico designado “VOU Património”. Neste ano letivo abarcou ainda sessões temáticas relacionadas com a Conservação do Património Cultural, através das atividades “A química do PC” e “O PC em redução”.

Seguidamente são apresentadas as atividades de dinamização e exploração relativas ao programa do ano letivo 2019/20, sendo que sempre que a atividade se destina a mais de um ciclo de ensino, a mesma é adaptada ao nível de ensino.

1. “EU SOU PATRIMÓNIO” | FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Público-alvo: Docentes dos Ensinos Básico e Secundário

A Câmara Municipal de Esposende acredita que a Escola é o principal âmbito de educação nos valores coletivos, devendo integrar na escala de valores dos futuros cidadãos o respeito ativo pelo passado comum. Com esta ação, à qual se pretende dar continuidade, pretendeu-se envolver a comunidade educativa no projeto “Eu sou Património”, numa ótica de participação na construção de uma escola de saberes numa estreita relação com o Património material e imaterial na dimensão histórica e cultural; refletir e partilhar conceitos com os diferentes docentes, sobre a nossa identidade cultural, o que implica um conhecimento do património local, contextualizado no âmbito nacional, para reforçar laços de cidadania; ao encontro da necessidade de formação manifestada ao nível de aprendizagens diferenciadas e atualizadas, no desenvolvimento dos aspetos programáticos ligados à História e Património Cultural Local; avaliar as possibilidades do Património ser um elemento formativo nas políticas educativas; incentivar a construção de materiais e recursos educativos sobre diferentes Patrimónios Locais.

Assim, os docentes tiveram oportunidade de partilhar ideias, criar recursos e participar na reflexão conjunta sobre a implementação de diferentes práticas pedagógicas, nos diversos contextos educativos, para potenciar a curiosidade e a criatividade dos seus alunos (Figura 1).

2. CISL | CENTRO INTERPRETATIVO DE S. LOURENÇO

Intimamente relacionado com as duas exposições patentes ao público, o programa desconstrói as temáticas da exposição temporária “Mar de Histórias e a mais recente exposição “IDENTIDADE(S): o Homem e o Território – Esposende nas origens da Cultura Castreja”. A primeira aborda a ocupação humana do território e a sua relação com a água, desde a Pré-História até à Idade Moderna. O segundo espaço expositivo dedica-se à ocupação humana entre o final do III milénio e o final do I milénio a.C., nomeadamente a implantada em pontos elevados e estratégicos.

2.1. “Mar de Histórias” | exposição temporária

A exposição “Mar de Histórias” centra-se na relação do Homem com a água – mar, rios e ribeiros – um elemento marcante na história de Esposende. Nesta exposição dá-se a conhecer a dinâmica do território concelhio, associado ao nosso inestimável e marcante Património Arqueológico. É um convite a percorrer um circuito cronológico, que se inicia com a Pré-História e termina nos recentes achados arqueológicos de Época Moderna.

No Passado, tal como hoje, o espaço aquático era visto como uma implacável barreira física, um ambiente não controlado, pleno de surpresas, perigos e tragédias. No entanto, rios, ribeiros e o mar significaram também uma potencial via de comunicação e de aproximação entre as sociedades, ao invés de as dividir.

Todos os conteúdos têm como base o Plano Diretor Municipal de Esposende e as Cartas Arqueológicas (terrestre e subaquática). Paralelamente assenta no conhecimento científico resultante da colaboração da Universidade do Porto, da Universidade do Minho, da Universidade Portucalense e das Universidades Nova de Lisboa e da Texas A&M, bem como da Escola Profissional de Arqueologia.

Por fim, é de realçar que esta exposição muito deve à entrega de centenas de voluntários, orientados por dedicados investigadores, bem como da ação cívica de diversos achadores (Figura 2).

Atendendo à temática desta exposição, propôs-se um conjunto diversificado de atividades de exploração, desde jogos de exploração a palestras temáticas, passando por visitas orientadas únicas, onde os alunos podem descobrir diferentes temas e períodos abordados na exposição.

Partindo das navegações do século XVI, decodificamos um naufrágio descoberto no concelho de Esposende em 2014, na praia de Belinho: o Naufrágio Quinhentista de Belinho.

O tipo de atividades disponibilizadas teve em consideração a abrangência de diferentes ciclos de ensino, desde o teatro de sombras, a palestras e contos, passando por visitas orientadas à exposição temporária “Mar de Histórias”.

2.1.1. “O gigante que vivia ao lado do rio” | teatro de sombras

Público-alvo: 1.º e 2.º ciclos

Partindo da imagem do prato de oferendas de S. Cristóvão – oriunda do naufrágio quinhentista de Belinho e integrado na exposição temporária – é abordada a lenda de S. Cristóvão, através do teatro de sombras “O gigante que vivia ao lado do rio”. Segue-se a desconstrução da iconografia presente no prato relativamente à lenda e o desafio para cada aluno criar o seu próprio prato de oferendas, inspirado no objeto original.

Esta ação visa dar a conhecer o património cultural local e explorar a iconografia de peças arqueológicas e o seu significado.

2.1.2. “O Naufrágio Quinhentista de Belinho, Esposende e a Carta Régia de D. Sebastião” | palestra

Público-alvo: 2.º e 3.º ciclos

Dando consistência à divulgação das mais recentes descobertas sobre o naufrágio quinhentista do sítio arqueológico subaquático “Belinho 1”, a abordagem desta temática inclui o conhecimento atualizado sobre o naufrágio. Paralelamente procede-se ao enquadramento do quadro político de Portugal no século XVI, bem como às características de Esposende na época. Estas últimas partem das informações constantes no documento régio de elevação de Esposende à categoria de Vila.

Esta ação visa dar a conhecer o património cultural subaquático e arquivístico local, numa articulação entre a arqueologia e os documentos de arquivo (Figura 3).

2.1.3. “Esposende Quinhentista e Carta Régia D. Sebastião” | palestra

Público-alvo: 2.º e 3.º ciclos

A Carta Régia de D. Sebastião é o ponto de partida para se conhecer a importância que este documento teve para Esposende, o seu impacto na vida quo-

tidiana, bem como na criação e desenvolvimento do concelho.

Em parceria com o Serviço de Arquivo, esta atividade explora o texto da Carta Régia de D. Sebastião que eleva Esposende à categoria de Vila, sendo possível conhecer detalhes sobre como era o território e como ficou com a elevação a Vila, informações só passíveis de entender com a “desconstrução” do documento.

Paralelamente, são abordadas as características deste importante documento, como o tipo de documento, o suporte utilizado, a letra e as iconografias existentes, entre outros detalhes (Figura 4).

2.1.4. “A viagem de Fernão de Magalhães” | jogo lúdico-didático

Público-alvo: 1.º e 2.º ciclo

O português Fernão de Magalhães fez a primeira viagem de circum-navegação no século XVI ao serviço da coroa castelhana. Na Época dos Descobrimentos exploraram-se novas rotas marítimas que permitiram a circulação de vários produtos como ouro, sedas, especiarias, entre outros artigos.

Através de um jogo lúdico-didático sobre a viagem de Fernão de Magalhães, é dado a conhecer aos mais novos o trajeto e as rotas que foram realizadas, as descobertas e o comércio de novos produtos! (Figura 5)

2.1.5. “D. Sebastião, o menino que foi rei de Portugal” | conto e atividade plástica

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

No século XVI Esposende foi elevado à categoria de Vila, pelo rei D. Sebastião. Mas quem foi esta importante personagem da história de Esposende? A partir de um conto infantil sobre D. Sebastião, dá-se a conhecer a história de um rei, outrora um menino que teve que crescer rápido para governar Portugal!

Esta ação é complementada por uma atividade de expressão plástica, por exemplo com a construção de puzzles de D. Sebastião e/ou construção de coroas.

2.2. “IDENTIDADE(S): o Homem e o Território – Esposende nas origens da Cultura Castreja” | exposição permanente

A fixação dos nossos antepassados em povoados situados em pontos elevados e estratégicos do vasto território que compõe o Noroeste Peninsular remonta ao período entre o final do III milénio e o final do I milénio a.C. Com cronologias e especificidades geográficas distintas, cada habitat teve a sua

própria especificidade e um percurso que não teve forçosamente de se conciliar com os demais.

Com base nesta realidade, esta exposição aborda questões de gestão e de ocupação do território, indissociáveis do potencial da sua envolvente para a aquisição e produção de meios de subsistência, existência de espaços com recursos naturais, o controlo e defesa dos respetivos territórios, de passagens terrestres e fluviais e bem como da navegação fluvial e marítima. No espaço de auditório, o público tem à sua disposição dois filmes:

“Caturo o pequeno guerreiro”: um filme para os mais novos, apresentado pela personagem Caturo, no qual é abordada a evolução da ocupação do Castro de S. Lourenço, desde as primeiras ocupações até aos séculos XII-XIII;

“Quem somos e de onde vimos... Castro de S. Lourenço”: um documentário para o público em geral sobre o Castro de S. Lourenço, enquadrando-o na ocupação do período pré-romano no atual concelho de Esposende (Figura 6).

3. CSL | CASTRO S. LOURENÇO

Uma das estações de eleição para a dinâmica da didática patrimonial é, por excelência, o Castro de S. Lourenço. Contando com escavações arqueológicas e trabalhos de conservação e restauro (totais ou parciais) desde 1985, o universo de exploração é inesgotável. No ano letivo 2019/20, para além das visitas orientadas, tanto ao Castro como às exposições patentes no CISL, disponibilizou-se uma programação mais interativa, que de alguma forma envolve-se os sentidos e a experimentação.

3.1. Pão Galaico | oficina gastronómica

Público-alvo: pré-escolar e 1.º ciclo

Desde a Pré-História que a castanha e a bolota eram usadas como complemento na alimentação humana. A bolota é um fruto produzido por árvores da família do carvalho (género “*Quercus*”). Aqui no Norte, a bolota é, essencialmente, de carvalho. Já Estrabão, geógrafo e historiador romano (58 a.C. – 25 d.C.) na sua obra “Geografia”, refere no livro III que “(..) Na quarta parte do ano não se mantêm senão de bolotas, que secas e trituradas, se moem para fazer pão, o qual pode guardar-se por muito tempo (...)”.

Então, partindo das fontes escritas e aliando-as aos dados da Arqueologia e da Arqueobotânica, é possível reconstituir uma técnica de moagem e os há-

bitos alimentares de então. Divulgar a importância destes frutos na alimentação galaico-romana é uma das finalidades da atividade, onde os participantes têm oportunidade de confeccionar e degustar o seu próprio pão! (Figura 7).

3.2. Ofícios no Castro³ | visitas com recriação de ambiências e ofícios

Público-alvo: 2º e 3º ciclo dos Agrupamentos de Escolas de concelho

No âmbito das atividades desenvolvidas no Castro de S. Lourenço com as Escolas, esta atividade tem uma forte componente lúdico-pedagógica, assegurando aos participantes a vivência e experimentação de alguns ofícios praticados neste povoado castrejo romanizado.

Tratam-se de iniciativas promovidas anualmente por cada Agrupamento de Escolas, alicerçada numa forte componente do património Cultural, aliando a componente ambiental, a participação no âmbito da Cidadania e o fomento do Desporto e hábitos de vida saudáveis.

Estão desenvolvidas as seguintes iniciativas escolares:

- CAMINHADA DA SAÚDE | Agrupamento de Escolas António Rodrigues Sampaio – todos alunos do 5º ano;
- MARCHA DA MONTANHA | Agrupamento de Escolas António Correia de Oliveira – todos alunos do 6º ano;
- DIA DA FLORESTA | Escola Secundária Henrique Medina – todos alunos do 7º ano (Figura 8).

4. VOU PATRIMONIAR | VISITAS ORIENTADAS ÚNICAS – PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

Público-alvo: pré-escolar ao 3.º ciclo

Promoção de visitas orientadas a diversas estações arqueológicas visitáveis no concelho de Esposende, como meio de divulgação e sensibilização dos nossos jovens para o conhecimento, a preservação e o respeito pelo Património, especialmente na região em que vive.

Pretende-se fomentar o contacto direto dos nossos jovens com os monumentos arqueológicos conce-

3. Atendendo que estas iniciativas decorrem anualmente entre março e junho, devido à COVID-19 este ano não foi suspensa.

lhios e cativar a atenção ou consolidar os conhecimentos adquiridos pelos alunos.

Existem diversos percursos propostos: Roteiro 1 | Megalitismo (Menir de S. Paio de Antas, Dólmen do Rapido III ou Dólmen da Portelagem); Roteiro 2 | Idade do Ferro/ Romanização (Castro e Centro Interpretativo de S. Lourenço ou Castro do Sr. dos Desamparados); Roteiro 3 | Medieval (Cemitério Medieval das Barreiras); Roteiro 4 | Megalitismo à Romanização (Menir de S. Paio de Antas, Dólmen do Rapido III e Castro e Centro Interpretativo de S. Lourenço); Roteiro 5 | Megalitismo à Época Medieval (Menir de S. Paio de Antas, Dólmen III do Rapido, Castro e Centro Interpretativo de S. Lourenço e Cemitério Medieval das Barreiras). Sempre que oportunamente requerido, é possível a adaptação e realização de visitas orientadas a outros locais, adaptando-se sob proposta.

5. CONSERVAÇÃO PATRIMÓNIO CULTURAL

Com o objetivo de despertar os alunos para cuidados e a sensibilização do Património Cultural pretende-se, através dos conteúdos programáticos de Ciências Físico-Química, de Física e Química A permitir aos alunos perceber que para a conservação do Património Cultural também é necessário ter conhecimentos de química.

5.1. “A química do PC” | palestra e experimentação

Público-alvo: 3.º ciclo | 8.º ano de escolaridade

A aprendizagem das Ciências Químicas é iniciada no 3º ciclo de escolaridade e os alunos aprendem a compreender as reações químicas. Como nem sempre contactam com casos práticos, nesta atividade pretende-se realizar atividades de experimentação em articulação com os conteúdos e objetivos da disciplina e simultaneamente proporcionar a aprendizagem das técnicas de execução da conservação de artefactos e processos físicos e químicos inerentes. Partindo dos casos práticos de conservação do Serviço de Património Cultural, explica-se a corrosão dos metais, (um material que é muitas vezes usado em objetos produzidos pelo homem), as reações de oxidação-redução (Figura 9).

5.2. “O PC em redução”⁴ | palestra e experimentação

Público-alvo: ensino secundário | 11.º ano de escolaridade

Uma das metas específicas e transversais da atividade de laboratorial de Física e Química A do 11º ano está associada à série eletroquímica, cujo objetivo é organizar uma série eletroquímica a partir de reações entre metais e soluções aquosas de sais contendo catiões de outros metais.

Partindo dos casos práticos de conservação do SPC, explica-se a corrosão dos metais (um material que é muitas vezes usado em objetos produzidos pelo homem), as reações de oxidação-redução e o processo de eletrólise.

Propomos através desta atividade a participação dos alunos num caso prático de conservação de um artefacto do Serviço de Património Cultural realizada através da experimentação da eletrólise como processo de conservação.

6. PASO | PROJETO DE ARQUEOLOGIA SEM OBSTÁCULOS

No âmbito nacional é evidente a existência de numerosos obstáculos que inviabilizam a plena fruição do Património Cultural. Estes podem-se traduzir em barreiras arquitetónicas/físicas, deficiências de comunicação como a documentação disponibilizada, a sinalética, a identificação dos espaços e objetos. Neste contexto, surgiu na década de 1980 o primeiro documento relativo às pessoas com necessidades especiais⁵. Posteriormente, tornou-se obrigatório a adoção de normas técnicas de eliminação de barreiras arquitetónicas em edifícios públicos, equipamentos coletivos e via pública para a melhoria da acessibilidade das pessoas com mobilidade condicionada⁶. Seguiu-se a iniciativa nacional para os cidadãos com necessidades especiais na sociedade da informação, bem como o programa nacional para a sua participação na sociedade da informação⁷. Já no início do século XXI, surgiu legislação que proíbe e pune a discriminação em razão da deficiência e da existên-

4. Atendendo que o calendário programado para estas iniciativas, devido à COVID-19 não foi possível realizar.

5. Lei n.º 9/89.

6. Decreto-Lei n.º 123/97.

7. Resoluções do Conselho de Ministros nº 96 e 97/99 e n.º 110/2003.

cia de risco agravado de saúde⁸, foram definidas as condições de acessibilidade a satisfazer no projeto e na construção de espaços públicos, equipamentos coletivos e edifícios públicos e habitacionais⁹, viu-se aprovado o Plano Nacional para a Promoção da Acessibilidade¹⁰, bem como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (adotada em Nova Iorque em 30 de Março de 2007)¹¹. Mais recentemente a Assembleia da República recomendou ao Governo uma estratégia para promover o turismo acessível em Portugal¹², tendo sido aprovada a revisão do Plano Estratégico Nacional do Turismo (PENT) para 2013-2015¹³.

Atualmente o conceito de “acessibilidade” é percebido como uma questão de direitos humanos reconhecidos nas leis de vários países do mundo – o direito à igualdade de oportunidades, à não discriminação, à inclusão e à participação em todos os aspetos da vida em sociedade. É, pois, fundamental promover-se o acesso físico, intelectual, social, cultural ou económico ao nosso Património Cultural, pelo que é nesta ótica que estamos a trabalhar. Assim, pretendemos que o serviço público que oferecemos seja cada vez mais acessível a um maior número de pessoas, sejam visitantes, como participantes em atividades. Nesta linha de pensamento, o Projeto Arqueologia Sem Obstáculos (PASO), concebido em 2008, implementado em 2011 e amplamente dinamizado desde 2013, tem por objetivo combater a discriminação e promover a igualdade de oportunidades, procurando contribuir de forma eficaz para uma mudança de atitudes da sociedade face às reais potencialidades das pessoas, nomeadamente as que têm alguma incapacidade.

Pretende-se, pois, conferir uma substancial melhoria no acolhimento e informação aos visitantes, eliminando obstáculos sociais, físicos e comunicacionais, sensoriais e intelectuais nas áreas arqueológicas visitáveis do Município de Esposende e serviços a elas associados.

Com este projeto pretende-se conferir uma melhoria substancial no acolhimento e informação aos visitantes com deficiência, promovendo o acesso – físico, social e intelectual – à participação cultural, eliminando obstáculos sociais, físicos e comunicacionais, sensoriais e intelectuais nas áreas arqueológicas e serviços associados.

Para tal, foi (e é) importante ter presente os conceitos que cada barreira em geral implica, nomeadamente: barreira física – obstáculo natural ou infraestrutural que limita a aproximação ou circulação no espaço, mobiliário ou equipamento urbano de pessoas com mobilidade condicionada – barreira social – situação social que constitua uma dificuldade no acesso aos espaços e à oferta cultural – e finalmente, barreira intelectual, aquela que obstrua ou dificulte a fruição integral da oferta cultural de, por exemplo, pessoas com baixa literacia, sem conhecimento técnico-científico especializado, com deficiências ou limitações sensoriais, défice de atenção, deficiência intelectual (entre outras) ou pessoas cuja primeira língua não seja o português¹⁴.

Nesta 1.ª fase, o projeto foi implementado no Centro Interpretativo de S. Lourenço (CISL) e nas atividades lúdico-pedagógicas disponíveis, nomeadamente:

1. Acessibilidades:

- 1.1. Ao Centro Interpretativo de S. Lourenço, com a adequação dos espaços exterior e interior.
- 1.2. À informação, com a disponibilização de diversos níveis de informação e em diversos formatos e línguas;
- 1.3. Ao espólio através, por exemplo, de formas de acesso tátil.

2. Programação de atividades integradas e adaptadas, através da diversificação da oferta, da sua divulgação junto associações de pessoas com necessidades especiais e espaços de acolhimentos recreativos socioculturais, sempre em estreita articulação, colaboração e avaliação com os técnicos responsáveis.

Neste âmbito, o CISL dispõe de diversos níveis e formatos de informação. Até final de 2019, a componente expositiva tinha soluções com recurso às novas tecnologias da informação e complementarmente soluções que promoviam a interação através da motricidade, nomeadamente materiais de ma-

8. Lei n.º 46/2006.

9. Decreto-lei n.º 163/2006.

10. Resolução do Conselho de Ministros n.º 9/2007.

11. Resolução da Assembleia da República n.º 56/2009.

12. Resolução da Assembleia da República n.º 131 e 132/2012.

13. Resolução do Conselho de Ministros n.º 24/2013.

14. Definições adaptadas da “Acesso Cultura”, in <https://acessocultura.org/quem-somos/missao-e-objectivos/> [consultado em junho 2020].

nipulação direta (reais, réplicas e miniaturas). Nas soluções – tecnológicas ou tradicionais – o visitante era estimulado a utilizar os seus sentidos na descoberta dos conteúdos. A visita com invisuais ou pessoas com baixa visão era mais intuitiva e funcional, com conteúdos também disponíveis em pontos áudio e em Braille Português. É de destacar que estas soluções auferiram do contributo da Dra. Cristina Leites, funcionária cega que integrava o quadro de pessoal da Autarquia.

No que respeita ao programa de atividades, o Serviço Educativo dispõe de uma oferta diversificada, parcialmente resultante de projetos em parceria com diversas instituições, de entre os quais se destaca a associação APPACDM de Braga – Complexo de Esposende e de forma mais pontual as associações ACAPO – Delegação de Braga e Íris Inclusiva. A título de exemplo, foram realizadas diversas atividades como

“Caturo, o pequeno guerreiro” (teatro, que implicou a criação dos adereços e acessórios, culminando com a dramatização), diversas oficinas – “Adornos e Guerreiros”, “Casas castrejas” e “Olaria” – “Arqueólogo por 1 dia”, “Em busca do passado... Pré-Histórico: Construtores da Pré-História e Artistas da Pré-História”, bem como visitas orientadas. Articulação entre a APPACDM – Esposende e o Lar de Idosos da Santa Casa de Misericórdia de Fão, nomeadamente “Bordados galaicos” (confeção de vestuário), bem como a apresentação de uma peça de teatro.

Estamos conscientes que há muito trabalho a desenvolver e implementar, pois é um caminho inesgotável. Por este motivo, estamos abertos a parcerias e colaborações de e com instituições, entidades que tenham objetivos semelhantes e de alguma forma entendam que juntos podemos contribuir para a melhoria da fruição cultural (Figura 10).



Figura 1 – “Eu Sou Património” | formação de professores.



Figura 2 – “Mar de Histórias” | Exposição Temporária.



Figura 3 – “Mar de Histórias: O Naufrágio Quinhentista de Belinho.



Figura 4 – Esposende Quinhentista e a Carta Régia de D. Sebastião.



Figura 5 – A viagem de Fernão de Magalhães.



Figura 6 – “IDENTIDADE(S): O Homem e o Território –Esposende nas Origens da Cultura Castreja” | Exposição Permanente.



Figura 7 – Pão Galaico | Oficina gastronómica.



Figura 8 – Ofícios no Castro.



Figura 9 – A química do PC.



Figura 10 – PASO | Projeto de Arqueologia Sem Obstáculos.

Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
i. Promover a igualdade de oportunidades no que concerne ao acesso à educação e à cultura; ii. Assegurar a qualidade dos espaços educativos e culturais, propiciadores de novas aprendizagens e da interação social; iii. Promover a igualdade de oportunidades educativas e culturais; iv. Contribuir para a promoção de uma educação pública de qualidade; v. Promover uma política educativa e cultural potenciadora de experiências nos campos da educação não formal e informal; vi. Promover a Formação Cultural dos municípios; vii. Promover a Democracia participativa e a Educação para os Valores; viii. Promover a valorização da História e da Identidade Cultural local.	1. Explorar e promover, de forma lúdica, o património natural e cultural do município.
	2. Fomentar o interesse pelo conhecimento e a preservação dos vestígios de povos que habitaram a região em que vive.
	3. Sensibilizar para a importante função que o património cultural desempenha na sociedade.
	4. Fomentar o papel ativo que a comunidade deve ter na defesa e valorização do património cultural.
	5. Dar a conhecer o Património (material e imaterial) associado às origens e desenvolvimento das sociedades modernas e promover a sua compreensão por parte da comunidade, nomeadamente a juvenil.
	6. Potenciar na sociedade a consciencialização para a necessidade de proteção/defesa e valorização do Património, uma vez que ao compreendê-lo, percebem que este foi, é e será o legado da sua comunidade, região e país.
	7. Pretende-se promover a consciencialização de um fundo que é comum aos povos da Europa, através de múltiplas abordagens.

Tabela 1



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES



MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO



CITCEM
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia



PORTO
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

